

A CORRESPONDÊNCIA DE VINICIUS DE MORAES NO PÓS-GUERRA

Rafael Martins da Costa (IFRJ)

RESUMO: Na segunda metade da década de 1940, o poeta Vinicius de Moraes atuou como vice-cônsul do Brasil nos EUA. Durante essa temporada, Vinicius manteve uma significativa correspondência com intelectuais e poetas brasileiros, como João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Eduardo Escorel. O resgate dessa epistolografia, depositada no acervo de Vinicius na Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro), revela o pensamento do poeta em relação a questões políticas – sobretudo no que diz respeito à geopolítica no contexto do pós-guerra, com a perseguição aos “comunistas” nos EUA – e literárias. O presente trabalho pretende resgatar elementos dessa correspondência, trazendo à luz debates e conflitos que a historiografia literária nem sempre foi capaz de esmiuçar com precisão. A comunicação pretende, pois, a partir do resgate de textos do Arquivo Vinicius de Moraes, analisar a importância das fontes primárias e dos textos não publicados – mas que foram guardados pelo autor! – para que se possam perceber com maior clareza as tensões na/da “políticas da escrita” (Jacques Rancière). Os arquivos passam, assim, a ser entendidos como espaços em que se aclaram conflitos que foram ocultados pela historiografia literária ou que não podem ser vistos quando se analisa um livro de poesia somente a partir da sua publicação, desconsiderando o seu processo de organização. Dentro desse contexto, o trabalho busca refletir também sobre a relevância dos arquivos para que se tenha uma dimensão da existência de regimes normativos que legislam sobre o que é poetizável – regimes que a própria concepção de literatura, desenvolvida a partir do século XIX, tenta ocultar.

PALAVRAS-CHAVE: Correspondência, Vinicius de Moraes, Arquivos, Pós-guerra

I.

Os primeiros dias de 1948 não trazem para Vinicius de Moraes a sensação de que o ano seria auspicioso. Em Los Angeles desde 1946, como vice-cônsul do Brasil, Vinicius sente-se enfadado, indisposto à rotina diplomática. Naquele pós-guerra, o solo americano lhe parece “o verdadeiro deserto de homens e de ideias”¹. Atuando na diplomacia

¹ Carta para D. Lydia de Moraes, 3 de fevereiro de 1948, manuscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Familiar. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. A carta encontra-se reproduzida na coletânea *Querido poeta: correspondência de Vinicius de Moraes*, organizada por Ruy Castro. Utilizaremos, porém, para a confecção deste trabalho os documentos depositados no Acervo da FCRB, haja

brasileira em tempos de Good Neighbor Policy, acredita que a empáfia dos norte-americanos lhes faz “desprezar cordialmente os latinos, considerando o mexicano a escória”². Junto a isso, lamenta as ações do Comitê de Atividades Antimericanas (House Un-American Activities Committee), que leva cabo investigações arbitrárias contra suspeitos de ligação com os soviéticos. A recém criada ONU não consegue evitar as animosidades entre Moscou e Washington, a diplomacia está em baixa: a URSS e os EUA preparam-se para um enfrentamento na Guerra da Coreia. Vivendo em Los Angeles, Vinicius vê de perto a ação de atores como Larry Parks, Adolphe Menjou, Gary Cooper que delatam voluntariamente ao Comitê colegas suspeitos de difundir ideias comunistas nos estúdios de Hollywood. Indignado, transcreve, em carta a Bandeira, a fala de Cooper: “Não entendo muito de comunismo, mas, de ouvi falar, não gosto dessa ‘pink mouthing’, porque não me parece ‘on the level’”³. O poeta, que nesse momento julga-se um progressista, reconhece a ameaça que seu posicionamento pode lhe trazer: “se eu disser então que sou um comunista, estarei provavelmente com o FBI em casa no dia seguinte. É uma covardia enorme, me angustia às vezes tremendamente”. Naquele inverno de 1948, faz quase dois anos que Vinicius não vem ao Brasil. A avaliação da sua primeira temporada no exterior como diplomata não é positiva. Quer sair dos EUA: pleiteia uma transferência para a Itália, mas não obtém sucesso. Seu ânimo abate-se pelo cansaço e pela raiva. “É a era da ansiedade e do medo”⁴. O poeta se recente por não encontrar liberdade para falar abertamente o que pensa. “É ruim viver trancado”⁵, escreve a Bandeira.

Mas essa temporada nos EUA é também um momento de grandes descobertas. Vinicius começa a estudar música em um curso de extensão da Universidade da Califórnia, ouve muito jazz, sobretudo Duke Ellington e Louis Armstrong⁶, lê bastante

vista que a edição em livro não reproduz toda a epistolografia de Vinicius e, por vezes, faz a reprodução de trechos das cartas, sem, contudo, identificar para o leitor a realização desses cortes.

² Carta para Manuel Bandeira, 14 de setembro de 1947, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

³ Carta para Manuel Bandeira, 11 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁴ Carta para Manuel Bandeira, 11 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁵ Carta para Manuel Bandeira, 11 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁶ Carta para Manuel Bandeira, 15 de fevereiro de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

poesia norte-americana, poetas como Robert Frost, Karl Shapiro e Hart Crane⁷, cuja morte será tema do poema “*O poeta Hart Crane suicida-se no mar*”, publicado pela primeira vez no livro *Novos Poemas II* e republicado na segunda edição da sua *Antologia Poética* (Editora do Autor, 1960). Frequenta a casa de Carmen Miranda, onde encontra músicos brasileiros, atores e cineastas de Hollywood. Sobre essas noites na casa de Carmen, escreverá crônicas que publica em periódicos cariocas, como *O Jornal*⁸. Apaixonado por cinema, Vinicius também aproveita a estadia em Los Angeles para ver muitas fitas, experiência que lhe leva a organizar com Alex Vianny a revista *Filme*, publicada no Brasil. Na correspondência com amigos, envia listas de filmes que devem ser assistidos. Por esse tempo, escreve roteiros de gosto duvidoso para conseguir dinheiro. Pede à mãe, D. Lydia de Moraes, que pesquise na Biblioteca Nacional reportagens antigas sobre um caso que ouvira na infância acerca de um operário que caíra no esgoto e que, por não poder ser resgatado, morrera aos poucos, com gangrenas nas pernas afundadas na lama⁹. Deseja aproveitar o caso para vender um roteiro. Ao amigo Lauro Escorel relata: “Estou escrevendo as histórias mais escrotas para cinema, na esperança de vender uma. Não assinarei, é claro; mas a ideia de ganhar uns US\$ 10 mil de uma pernada não me soa nada desagradável.”¹⁰.

Essa profusão de acontecimentos e impressões é figurada nas cartas que o poeta escreve de Los Angeles, entre 1946 e 1950. Apesar de se considerar um correspondente “impontual” (MORAES, Vinicius de. 1945), Vinicius escreve bastantes e longas cartas nesse período. De alguma forma, parece encontrar na epistolografia a liberdade de expressão que a atuação como representante do Itamaraty nem sempre lhe permite, mormente nesse momento de “caça às bruxas”. A carta torna-se, assim, um exercício de escrita que, por seu caráter privado, não está totalmente submetido às limitações próprias à atuação pública do poeta-diplomata. É na correspondência que a subjetividade pode ser exercitada, pois ali, na materialidade da escrita, formulam-se opiniões, relatos que vão conferindo forma às impressões difusas do estado geral da vida¹¹. Em momentos de

⁷ Carta para Manuel Bandeira, 11 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁸ Como exemplo, poderia ser mencionado a crônica “A bela ninfa do Bosque sagrado”, reunida em *Para viver um grande amor*, em que narra como Carmen o fez conhecer a atriz Ava Gardner.

⁹ Carta para D. Lydia de Moraes, 18 de abril de 1948, manuscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Familiar. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁰ Carta para Lauro Escorel, 7 de setembro de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹¹ Possivelmente essa consideração é devedora das reflexões de J. Habermas, para quem a intensificação da epistolografia no século XVIII foi decisiva no sentido da formação de uma subjetividade, indispensável

perseguição política, é também no âmbito da escrita epistolar que perdem força as censuras que obstam a sinceridade nos debates públicos. Na missiva enviada a amigos e parentes, o julgamento é de outra ordem. Não se trata mais de ponderar a escrita levando em consideração o veredito de uma arena pública. O que não quer dizer que se apague toda forma de restrição imposta por uma audiência. Mas trata-se, no caso, de um arbítrio próprio da interlocução: o missivista projeta-se no tempo e no espaço, moldando sua escrita segundo as suposições que faz acerca de seu interlocutor, buscando imaginar as reações dele no momento da leitura, tendo de lidar com o fato de que a recepção da mensagem ocorrerá em um outro tempo, o que faz da carta um texto pretérito. Ela tem seu argumento feito de acontecimentos já vividos; por vezes, veicula conclusões que mais tarde se revelarão precipitadas; amiúde contém previsões que o tempo tratará de frustrar. Quem escreve cartas como que penhora a sua palavra. O resgate demorará dias, meses, talvez. Para não se converter em papel podre, a escrita investida tem que resistir ao intervalo que separa a escrita da postagem, a postagem da entrega, o recebimento da leitura, por fim.

II.

Manuel Bandeira foi possivelmente a figura que mais trocou cartas com Vinicius de Moraes no período em que este esteve em Los Angeles, foi o seu “correspondente tão batata”¹². A correspondência dos dois revela uma amizade sincera estabelecida por meio de um diálogo em que a afetividade se coaduna com uma profunda admiração intelectual que mantêm um pelo outro. É nessas cartas para Bandeira que Vinicius faz as mais longas descrições do cenário político dos EUA, da sua vivência como diplomata naquele contexto, das suas insatisfações por sentir que está se “bicho-matificando dia a dia”¹³.

Nesse tempo, a chegada das correspondências de Bandeira é saudada por Vinicius como uma espécie de lenitivo. Às vezes parecem assumir a forma do amigo distante, como se pudessem magicamente presentificá-lo – “Tua carta, Mané, foi como se me

à forma literária específica da sociedade burguesa em formação: o romance psicológico. (cf. Habermas, J. *Mudança estrutural na esfera pública*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, p. 173.)

¹² Carta para Manuel Bandeira, 13 de maio de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹³ Carta para Manuel Bandeira, 11 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

tivesse pousado um passarinho. Achei-a boa demais. Dentuça e dissimulada”¹⁴. Em outras ocasiões, as cartas alentam por virem acompanhadas de livros recém lançados – “seus dois livros chegaram aqui num ótimo momento: de depressão moral da tropa, problemas domésticos de empregada, que se revelou um dos maiores espíritos-de-porco, desânimo diante da política internacional. Tiveram uma ação de Pervitin no meu cérebro nublado”¹⁵. Esses comentários mais do que palavras de cordialidade com o interlocutor, também visam reconfigurar para ele o momento de recepção, para que o outro tenha conhecimento da efetividade da sua mensagem. Por outro aspecto, essa metalinguagem também expõe a afetividade que envolve o objeto em si, a materialidade da carta. Sobre essa carga emocional do objeto-carta, escreve Geneviève Haroche-Bouzinac:

la forte charge émotionnelle qui entoure l'écriture épistolaire contribue à transformer le matériau en substitut charnel, objet d'un véritable fétichisme. Cette dimension matérielle est souvent amplifiée par un cortège d'objets qui peuvent accompagner l'envoi: mèche de cheveux, fleurs, trèfles séchés, qui interviennent dans la topique épistolaire (HAROCHE-BOUZINAC), 1995, p. 43).

Não se trata aqui de analisar semanticamente o termo “fetiche”, mas vale a pena reconsiderar algo que talvez a tradição materialista deixou escapar quando retorna à palavra apenas para denunciar a ideologia: o substrato afetivo que resiste a toda reificação. Por isso, a pesquisa literária em fontes primárias, que não deve ser desvinculada de uma defesa dos arquivos públicos, não é o retorno ilusório do fetichismo da mercadoria. O resgate da relevância da materialidade de correspondências depositadas em acervos de escritores como Vinicius e Bandeira permite ver a humanidade existente nessa troca de mensagem. Como por exemplo, o desenho que Manuel Bandeira faz no verso da carta de uma carta, por meio do qual pede a Vinicius que procure nos EUA lentes bifocais para seus óculos. Ou o picotado no papel em que foi escrita a carta, que acaba revelando a situação financeira da família Moraes¹⁶: “o picotado do papel não é somente

¹⁴ Carta a Manuel Bandeira. 14 de setembro de 1947, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁵ Carta a Manuel Bandeira. 18 de maio de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Os livros a que Vinicius se refere são a edição das *Poesias Escolhidas* de Bandeira e *Belo belo*. “Pervitin” é o nome comercial de um psicoestimulante feito de anfetamina e muito utilizado durante a Guerra, para manter os soldados de infantaria dispostos ao combate.

¹⁶ Em diversas cartas desse período, Vinicius queixa-se da sua situação financeira. Ele, que se declara “comunista”, enfrenta problemas *domésticos*: tem de vender o carro, dispensar a empregada. Tati assume todo o trabalho da casa, costurar as roupas da família. Vinicius também relata a viagem que a esposa faz à

enfeite, como uma mostra da eficiência mecânica desse povo. Trata-se de uma nova tesoura de costura, cuja função é não deixar o tecido esfiapar, como acontecia antes. Tati(...) está uma grande costureira, fazendo toda a roupa da casa, fora cozinhar e lavar.”¹⁷.

III.

Outro ponto de interesse na correspondência entre Bandeira e Vinicius está no fato de ela revelar um intenso debate acerca de questões literárias. Além de livros, os dois trocam impressões sobre a poesia brasileira daquele momento. Mesmo distante, Vinicius acompanha - com um certo desinteresse, é verdade - a produção de poetas da “geração de 1945”. Sua avaliação não é positiva.

Tenho recebido aqui umas revistas dos novos, em que o pessoal fica surrando a gente. Achei muito gozado e aprovaria francamente, se houvesse alguém melhor que a gente, mas ainda não vi. Existe algum francamente bom? Desses rapazes novos, gosto muito de João Cabral, de alguma coisa do Lêdo Ivo, de alguma coisa do Bueno de Rivera, e acho que é só. É verdade que eu não conheço bem os outros, pois, apesar de ter recebido os livros deles, não consegui ler tudo porque achei muito palavroso, muito falso-Rilke, falso-Eliot, essa coisa. E muito Cecília Meireles, que é uma poesia que, hoje em dia, apesar do valor formal, eu acho intolerável¹⁸.

Esse julgamento sobre os “novos” é revelador da concepção de poesia que Vinicius tem naquele momento. A insatisfação do poeta toca pontos como verbosidade e interiorização. A referência ao nome de Cecília Meireles, empregado no texto como um adjetivo, não é gratuita. Ela é figurada como o estandarte daquilo que, para o Vinicius daqueles anos, é o intolerável em poesia: a subjetividade voltada para si própria, a recusa do contingente, da trivialidade do cotidiano¹⁹. Em certa medida, essa rejeição também explica as restrições que o poeta faz à própria obra, já que em diversas correspondências

Europa como secretária de Carmen Miranda durante uma breve turnê, o que lhe rendeu um dinheiro providencial para a quitação de dívidas. Carta a Manuel Bandeira, 18 de maio de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁷ Carta a Manuel Bandeira. 15 de fevereiro de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁸ Carta a Manuel Brandeira. 15 de fevereiro de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁹ Uma leitora recente da poesia ceciliana, Leila V. B. Gouvêa da também reforça a ideia de que a poeta produzia obra que expulsava a modernidade na acepção baudelairiana, isto é, um momento que se marca pelo efêmero, pelo instável. Por outro lado, Gouvêa também registra uma característica da poesia de Cecília que a simplificação de Vinicius ignora: “o vocabulário quase sempre trivial, o tom antiloquente, *cool* e antioratório”. (Leila V. B. Gouvêa. *Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008, p.58)

faz questão de destacar a repulsa que tem aos seus primeiros livros de poesia. O título *Forma e exegese* se torna inclusive uma espécie de tipologia literária, uma categoria de poesia a ser rechaçada. Quando quer reprovar a escrita de um novo poeta, ou quando revisita um texto antigo seu de que não gosta, escreve com pequenas variações: “tem algumas bocas-apanhadas, *mas cheira muito a formaexegese* (sic) (grifos nossos)”²⁰. Essa recusa de uma interiorização como matéria da poesia também será mais de uma vez criticada por Vinicius²¹. Sua avaliação em relação novos tem qualquer coisa de reprovação à insinceridade, que, para Vinicius, é o que está por trás dessa recusa.

Por sua vez, Bandeira verá, nessa poesia, uma “fabricação”, a produção de versos com bem ajustados formalmente, mas reveladores de uma falsa experiência. Relata a Vinicius:

Há mais de um ano que não escrevo uma linha de poesia. Para eu escrever versos tenho de ficar só muito tempo (...). Há momentos em que me parece que nunca mais escreverei um poema. Fabricar, não fabrico. É defeito que acho na poesia dos novíssimos. Quase tudo me parece fabricado. Não é difícil fabricar bonito, basta ter talento, isto é, habilidade. Mas fazer uma coisa que pode não ser bonita, mas que tenha a marca suja da vida, da puta vida, ah isso não quando a gente quer. Isso é o que diferencia você dos novíssimos. Diferencia não: distancia, meu “sórdido poeta”. Vamos lançar a teoria do poeta sórdido. Vai um sujeito de casa com a roupa de brim muito bem engomada e na primeira esquina passa um caminhão e lhe salpica o paletó ou a calça de uma nódoa de lama. (...) O poema deve ser como a nódoa do brim: fazer o sujeito satisfeito dar o desespero. Sei que a poesia também é orvalho, mas este fica para as meninas²².

Essa impagável “teoria do poeta sórdido” é iluminadora daquilo que vinha sendo dito mais acima. A referência aos “novos” nas duas cartas vem acompanhada de uma comparação entre eles e Vinicius, com conclusões e princípios muitos parecidos. De um lado, Vinicius em vantagem, um “poeta sórdido” que leva na poesia a sujeira da vida. Do

²⁰ Carta a Manuel Bandeira, 15 de fevereiro de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

²¹ Inclusive publicamente, como na “Carta aos escritores mineiros”, publicada *no O Jornal*. Nesse texto, embora se dirija aos autores de Minas, Vinicius volta sua crítica a todos aqueles que fazem a expressão literária refém de um solipsismo: “esse olhar perpetuamente para dentro vos secará o brilho dos olhos. Precisais de água, a água do mar, a água da mulher, a água da criação. Temeis errar. Temeis mostrar a vossa nudez: desnudai-vos”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1944. Disponível em: <http://www.correioims.com.br/carta/carta-contra-os-escritores-mineiros-por-muito-amar/>. Acesso de 07 de julho de 2016.

²² Carta a Vinicius de Moraes, 18 de maio de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

outro, homogeneizados, os “novos”, com uma escrita “palavrosa”, afetada, bem fabricada, mas com o “defeito” da recusa à imperfeição²³.

Essa leitura binária do momento literário no pós-guerra, de certa forma, se reflete também no trabalho de seleção de textos que resulta na *Antologia poética* de Vinicius. Por meio da correspondência entre ele e Bandeira, o leitor pode acompanhar o processo organização do livro. Em missiva de 11 de janeiro de 1948, o autor de *O caminho para distância* pergunta se Bandeira tem interesse em organizar “uma ediçãozinha de [suas] poesias escolhidas”²⁴. É Bandeira quem sugere o título de *Antologia*, corrigindo o diminutivo de Vinicius: “Com muito prazer me encarregarei da edição – não ediçãozinha – de suas poesias escolhidas. Chame-a como fazem os poetas de língua espanhola de ‘Antologia’”²⁵. A partir dessa resposta, Vinicius começa a selecionar os textos, reavaliando sua produção até ali. Ele tem nesse momento pouco mais de 34 anos e seu primeiro livro de poesias ainda não completou 15 anos. Mas já se considera um poeta amadurecido, distante dos “novos”. Demorará quase um ano e meio para finalizar a seleção das poesias que integrarão a *Antologia*, aproveitando apenas 15 poemas dos dois primeiros livros. Em junho do ano de 1949, envia os originais para Bandeira, que fará a revisão e a leitura minuciosa de cada poema, sugerindo algumas alterações, reprovando elementos desnecessários, como o uso de pronome “eu” sujeito de verbos que já estão na primeira pessoa do singular. Em outros casos, a intervenção de Bandeira é mais decisiva, como a que ocorre com o célebre “Pátria Minha”. Esse poema que também aparece na *Antologia poética* é debatido antes de ser enviado para publicação. Em carta de fevereiro de 1948, Vinicius escreve:

O poema “Pátria minha”, de que te falei, tem um verso assim:
“A minha pátria não é filha de negociante nem mulher de militar”
Diga se você acha que vão me despedir ou prender por causa disso.
Por que estou para mandar o poema para o *Diário carioca*. Não

²³A parte disso, curiosamente, tanto Vinicius quanto Bandeira guardam grande admiração por João Cabral de Melo Neto, a quem se referem sempre com muitos elogios. Cultivador de frases de efeito, Vinicius certa vez escreverá sobre Cabral: “o melhor poeta novo e com tremendas possibilidades de crescer. Para mim, é um mistério como é que, com aquela dor de cabeça permanente, pode escrever alguma coisa, inda mais em poesia”. Carta a Manuel Bandeira, 7 de maio de 1950, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

²⁴ Carta a Manuel Bandeira, 11 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

²⁵ Carta a Vinicius de Moraes, 26 de janeiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

quero trapalhadas agora. Estou pagando lentamente minhas dívidas (grifo do autor)²⁶.

A resposta de Bandeira vem na carta seguinte:

Ontem fui ver o Rodrigo [Melo Franco de Andrade] no ministério e consultei-o sobre o verso de “Pátria minha”. Ele acha perigoso para você deixá-lo no poema. O momento aqui é de reação e não faltará um f.da p. que o remeta diretamente ao [presidente da República, Eurico Gaspar] Dutra²⁷.

O verso em questão não aparecerá quando o poema for finalmente publicado. Na carta que vai junto aos datiloscritos da *Antologia*, Vinicius comenta as alterações:

Mande também dizer o que achou do mozarlesco “Pátria minha”, feito com um mau gosto proposital. Eliminei a 10[ª] estrofe, para evitar complicações políticas. Era a tal que começava “A minha pátria não é filha de negociante, nem mulher de militar/ A minha pátria é tristeza e luar e avenida à beira mar” etc.²⁸

O caso de “Pátria minha” é significativo porque faz ver como questões de ordem prática acabam interferindo na produção de um determinado poeta. É uma espécie de autocensura prévia: Vinicius está em apuros financeiros e quer evitar adversidades políticas e profissionais. A carreira de diplomata impõe restrições à liberdade criadora: aqui, ele é um diplomata poeta, e não um poeta diplomata. Tem-se, pois, um caso ilustrativo das consequências negativas de um certo acanhamento da nossa esfera pública. Mesmo publicando seus trabalhos na imprensa, grande parte da intelligentsia brasileira dependeu/depende de cargos na administração pública – e, por vezes, isso

²⁶ Carta para Manuel Bandeira, 17 de fevereiro de 1948, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Apesar de ter dito que estava prestes a enviar o poema para o Diário Carioca, provavelmente Vinicius não deve tê-lo feito. Isso porque não há, salvo engano, registros da publicação do poema no referido periódico. Isso não exclui, evidentemente, a possibilidade de o texto ter saído em algum outro jornal, o que ainda estamos pesquisando. Por ora, a pesquisa que temos feito em arquivos de periódicos nos quais Vinicius costumava publicar – *A manhã*, *O Jornal*, *Correio da manhã*, *Diretrizes*, suplementos como *Letras e artes*, *Autores e livros* – também não indica que “Pátria minha” tenha aparecido nesses lugares. Certo é que o poema foi publicado em uma plaquete editada na prensa manual de João Cabral de Melo Neto, com uma tiragem de apenas 50 exemplares, em 1949.

²⁷ Carta para Vinicius de Moraes, 12 de março de 1948, manuscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

²⁸ Carta para Manuel Bandeira. 14 de junho de 1949, datiloscrita. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. O adjetivo “morzalesco” usado na carta é emprestado de Jayme Ovalle, que propõe uma teoria da *Nova Gnomonia*. Ovalle divide as coisas existentes em cinco categorias, numa proposta de explicação do universo - “Exército do Pará”, “Dantas”, “Kernianas”, “Onésimas” e “Morzalescas”. Os homens e coisas “morzalescos(as)” são aqueles(as) que têm qualquer coisa de pedagógico, didático. A grandiloquência é um traço morzalesco, sobretudo se for pouco prestante à ação. Ambientes universitários são morzalescos. D. Pedro II também.

significou/significa um prejuízo para o fortalecimento de uma esfera pública no Brasil²⁹ - sobretudo, se considerarmos que um dos obstáculos à formação de uma arena em que o debate se dá no plano da razão é a existência de acordos explícitos ou velados que forcem um comportamento apolítico e, portanto, impedem o livre pensamento reflexivo³⁰.

IV.

O que vai dito acima tem por finalidade fazer uma defesa da relevância da pesquisa com arquivos de escritores. No caso específico da epistolografia, a sua leitura permite reconstituir as etapas de produção de um texto literário, reforçando a importância do *processo* de escrita para a compreensão da obra de um determinado autor. Isso, evidentemente, revela a concepção que subjaz todo o argumento desenvolvido aqui: a crença de que a interpretação não se esgota com a análise dos textos em sua versão final. Dessa maneira, a carta, devido a seu caráter privado, faz ver aquilo que a obra *pública* termina por ocultar: os regimes políticos que interferem na produção literária. Especificamente, a correspondência de Vinicius de Moraes no período em que ele desempenhava atividades no Itamaraty permite que o leitor perceba com maior clareza essa *política da escrita*³¹.

Assim, esclarece-se o pressuposto com que vinhamos trabalhando, i.e., a ideia de que a escrita literária implica uma política, na medida em que intervém definindo os limites do pensável, ora alargando as formas de fazer, ora contraindo o espaço da ação. Não seria, portanto, exagero afirmar que o mundo só é (parcialmente) apreensível porque nos é reportado pela literatura.

²⁹ O caso em análise parece exemplificar, portanto, a consideração de Sérgio Miceli, que, lendo o ensaio *Modernidade periférica*, de Beatriz Sarlo, vê uma diferença entre os intelectuais os brasileiros e os argentinos: “Os argentinos nunca lograram se subtrair às oportunidades de trabalho e de ganho na imprensa; os brasileiros foram brindados com posições funcionais destacadas nos altos escalões do serviço público federal”. (MICELI, Sérgio, 2010, p. 16).

³⁰ Fazemos alusão ao pensamento de J. Habermas sobre os entraves à esfera pública (cf. HABERMAS, J., 2011, p. 77). O pensador alemão, contudo, vê o obstáculo mormente no plano econômico, evidenciando sua dívida com o pensamento de Frankfurt. Para Habermas, a dificuldade em democratizar o controle do processo econômico produz uma oposição entre interesse público e interesse privado, a qual é um fulcro da dominação. O que se propõe, aqui, é um adendo tropical. No Brasil, para além da questão econômica, a dificuldade de se forjar um pensamento democrático está associada à dificuldade de se dissociar governo e Estado. Assim, o fato de intelectuais ocuparem postos na administração pública frequentemente significou um adiamento do debate para não provocar inconveniências, controvérsias perigosas.

³¹ Foi fundamental para o estabelecimento dessa reflexão, a leitura que fizemos de J. Rancière, cuja argumentação parte da concepção de que as formas de imaginação condicionam as formas de fazer política. Ou seja, para Rancière “um modo de articulação entre as maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento”. (RANCIÈRE, J, 2009, p. 13)

A leitura de cartas de Vinicius revela as limitações que o exílio nos EUA naquele pós-guerra trouxe para a sua atividade intelectual. Por outro lado, a sua escrita poética também esbarra em obstáculos que a carreira diplomática lhe impunha. Malgrado as limitações inerentes a todo debate intelectual, a correspondência, pelas leis que garantem a sua inviolabilidade e por toda a sua dimensão emocional, revela-se como um espaço de escrita em que o autor parece se sentir mais livre. Por contraste, podem-se perceber, pela leitura de cartas, os cerceamentos que estorvam o fortalecimento de uma esfera pública. Por extensão, a epistolografia faz ver aquilo que fragiliza a própria ideia de democracia.

Referências

- CASTRO, Ruy (org.). *Querido poeta: correspondência de Vinicius de Moraes*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'Épistolaire*. Paris: Hachette, 1995.
- MICELI, Sérgio. "O enigma portenho". Prefácio para *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*, de Beatriz Sarlo. São Paulo: CosacNaify, 2010.
- MORAES, Vinicius de. "Do not say good-bye". *Leitura*. Rio de Janeiro, março 1945. Arquivo Mário de Andrade. IEB-USP.
- MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. Organização Eucanaã Ferraz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- MORAES, Vinicius de. Acervo Vinicius de Moraes. Série Correspondência Pessoal. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.